

COMISSÃO DE CULTURA

PROJETO DE LEI Nº 2.684, DE 2021

Declara a médica Dra. Nise Magalhães da Silveira patrona da Saúde Mental no Brasil.

Autora: Deputada TEREZA NELMA

Relatora: Deputada JANDIRA FEGHALI

I - RELATÓRIO

O Projeto de Lei nº 2.684, de 2021, de autoria da Deputada Tereza Nelma, “Declara a médica Dra. Nise Magalhães da Silveira patrona da Saúde Mental no Brasil.”

A Proposição está sujeita à apreciação conclusiva pelas comissões, em regime de tramitação ordinária. Foi distribuída à Comissão de Cultura, para análise de mérito, e para a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, para exame de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa.

Na Comissão de Cultura, transcorrido o prazo regimental, não foram apresentadas emendas.

II - VOTO DA RELATORA

O Projeto de Lei nº 2.684, de 2021, de autoria da Deputada Tereza Nelma, “Declara a médica Dra. Nise Magalhães da Silveira patrona da Saúde Mental no Brasil.”



Nise da Silveira nasceu em 1905, em Maceió, Estado de Alagoas. Aos 16 anos, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia. Era a única mulher, numa turma de 158 alunos. Aos 21 anos, concluiu o curso com uma monografia sobre a criminalidade da mulher no Brasil.

Pouco tempo depois de sua formatura, rumou para o Rio de Janeiro. Atuante na União Feminina do Brasil, fez parte de sua ala médica reivindicadora, em defesa dos direitos de mulheres que viviam em condições precárias. Em 1933, foi aprovada em concurso público e passou a trabalhar no antigo Hospício da Praia Vermelha. Porém, naquele mesmo ano, foi presa como comunista e passou 15 meses na prisão, onde conviveu com outros presos políticos, como Olga Benário e Graciliano Ramos. A experiência do cárcere fortaleceu sua defesa da igualdade entre os seres humanos e sua paixão pela liberdade.

Apenas em 1944, após ser anistiada, Nise pôde retornar ao serviço público, no antigo Centro Psiquiátrico Nacional de Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Deparou-se, então, com novos tratamentos, que incluíam o eletrochoque, o coma insulínico e a lobotomia. Aqueles métodos, tão assemelhados à tortura, nunca foram aceitos pela Dra. Nise. Após acompanhar uma sessão de eletrochoque e ser instruída a apertar o botão que causaria convulsões no paciente, Nise disse: “Não, não aperto!”.

Com essa corajosa recusa, iniciou uma trajetória que transformaria a forma de lidar com doentes psiquiátricos no Brasil e no mundo. Pessoas que, aliás, Nise da Silveira não chamava de pacientes, ou de doentes, mas sim de “clientes”, demonstrando o respeito que a eles reservava.

Sem querer tomar parte nos desumanos tratamentos que caracterizavam a psiquiatria naquele momento, Nise assumiu a Seção de Terapêutica Ocupacional do hospital. Na época, a terapia ocupacional não contava com curso superior e funcionava sem muito método ou fundamentação teórica. O setor destinava-se, basicamente, à realização atividades práticas e braçais, voltadas a ocupar o tempo dos internos.

Com a chegada de Nise, as atividades foram se diversificando e, além da costura, encadernação, carpintaria e jardinagem, o setor passou a



ter também teatro, ateliê de pintura, modelagem em argila, e todo tipo de atividade expressiva, bem como atividades culturais e centros de estudo.

Ao observar a produção dos internos, Nise se surpreendeu com a expressividade artística que possuíam. Impressionou-se com a criatividade e, principalmente, com as imagens circulares com configurações perfeitas que apareciam em algumas pinturas, contrastantes com a personalidade desagregada e com a reduzida atividade de seus autores em outros contextos. Entendendo o valor do material que tinha em mãos, mas não conseguindo ainda decifrá-lo, Nise aprofundou-se em seu estudo, transformando seu próprio trabalho clínico em um farto campo de pesquisa.

Em 1954, iniciou uma interlocução com Carl Jung, junto a quem compreendeu o caráter autocurativo das mandalas pintadas por seus clientes. Por sugestão de Jung, buscou na mitologia a interpretação daquelas imagens, e enveredou também na filosofia, na arte, na literatura, no folclore; juntou-se a pintores, cineastas, educadores; e fez com que o estudo e a clínica psiquiátrica passassem a ser debatidos por toda a sociedade.

Referindo-se aos seus clientes, Nise da Silveira afirma: “Foi observando-os e às imagens que configuravam, que aprendi a respeitá-los como pessoas, e desaprendi muito do que havia aprendido na psiquiatria tradicional. Minha escola foi nesses ateliês.” A transformação da Dra. Nise, alimentada por sua paixão e garra, transformou também a psiquiatria. O entendimento de que as internações e os tratamentos então utilizados eram violências inaceitáveis levantou questões novas, de valorização da liberdade e luta contra a opressão.

Sua contribuição até hoje é vista em instituições como o Museu de Imagens do Inconsciente e a Casa das Palmeiras, fundados pela própria Nise da Silveira. Da mesma forma, sua obra, suas ideias e métodos são referência para as mutações que continuam ocorrendo na psiquiatria brasileira. Seguem atuais e verdadeiras as palavras da Dra. Nise, quando diz que

"Aquilo que se impõe à psiquiatria é uma verdadeira mutação, tendo por princípio a abolição total dos métodos agressivos, do regime carcerário, e a mudança de atitude face ao indivíduo,



que deixará de ser o paciente para adquirir a condição de pessoa, com direito a ser respeitada."

Não à toa, a Câmara dos Deputados nomeou em sua homenagem o Prêmio de Boas Práticas e Inclusão em Saúde Mental, que visa reconhecer e incentivar as iniciativas de instituições e pessoas que promovam uma política de cuidado sustentada no respeito integral às pessoas que se encontram em sofrimento psíquico e situação de vulnerabilidade.

A importância da obra da Dra. Nise da Silveira é também reconhecida pela Unesco, por meio do Programa Memória do Mundo, que visa a preservar o patrimônio documental da humanidade. Entre os dez acervos brasileiros registrados no Programa, está o acervo pessoal de Nise da Silveira, na honrosa companhia da coleção do Educador Paulo Freire, nosso Patrono da Educação; do patrimônio documental de Antonio Carlos Gomes, Patrono da Música no Brasil; e dos arquivos de Oscar Niemeyer, Patrono da Arquitetura Brasileira.

De acordo com a Lei nº 12.458, de 2011, o patrono ou a patrona de determinada categoria será escolhido entre brasileiros mortos há pelo menos 10 anos que tenham demonstrado especial dedicação ou se distinguido por excepcional contribuição ao segmento para o qual sua atuação servirá de paradigma. É incontroverso que a Dra. Nise Magalhães da Silveira ocupa esse distinguido papel perante a Saúde Mental no Brasil.

Diante do exposto, nosso voto é pela aprovação do Projeto de Lei nº 2.684, de 2021.

Sala da Comissão, em de de 2021.

Deputada JANDIRA FEGHALI
Relatora

2021-15696



Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Jandira Feghali
Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD214882367200>

